



## **3º Encontro Internacional de Política Social 10º Encontro Nacional de Política Social**

**Tema: “Capitalismo contemporâneo: tendências e desafios da política social”**

**Vitória (ES, Brasil), 22 a 25 de junho de 2015**

---

**Eixo: Classe social, gênero, raça, etnia e diversidade sexual.**

### **Redes femininas e proteção social: trocas intergeracionais nos cuidados na infância<sup>1</sup>**

**Carla Cristina Lima de Almeida**

**Flávia Simpício André Staneck**

**Faculdade de Serviço Social /UERJ**

**Resumo** Nesse trabalho, analisam-se as redes sociais em torno dos cuidados de crianças no contexto de fragilidade do sistema de proteção social em ofertar respostas às demandas originadas na família. A organização dessas redes femininas envolve dinâmicas intergeracionais que reposicionam os papéis das avós na produção de cuidados. Destaca-se que tais redes não estão isentas de contradições, articulando apoio e conflitos entre gerações. O estudo busca apontar a importância de compreender as dinâmicas das redes sociais, de modo a identificar os valores mobilizados nessas práticas, como também os impactos da abordagem que separa esfera pública e privada.

**Palavras-chave:** Família. Relações intergeracionais. Redes sociais. Cuidados.

**Abstract** In this work are analysed social networks around childhood care in the context of social protectionism fragility in provide response to Family demands. Feminine networks organization involves intergenerational dynamics that change the position of grandmothers in providing care. It highlights that these networks are not free from contradictions, and articulate also support and conflict between generations. The study indicates the importance of comprehend social networks dynamics, in order to identify values articulated to this practices as the impacts of separating public and private sphere.

**Keywords** Family. Intergenerational relationships. Social networks. Feminine care.

---

<sup>1</sup> Esta pesquisa contou com financiamento da FAPERJ.

## INTRODUÇÃO

A ideologia neoliberal preconiza que sociedade e família devam partilhar com o Estado as responsabilidades que antes cabiam a este. A ideia de coparticipação da sociedade indica o reconhecimento do trabalho voluntário e doméstico, bem como trata da criação de redes informais e comunitárias para a prestação de proteção social. Analisando esse movimento, Carvalho considera:

As políticas públicas descartaram alternativas institucionalizadoras, tais como orfanatos, internatos, manicômios, asilos, na oferta de proteção necessária a doentes crônicos, idosos, jovens e adultos dependentes, ou a crianças e adolescentes “abandonados”. Essa alteração tão radical só foi possível retomando a família e a comunidade como lugares e sujeitos imprescindíveis de proteção social (CARVALHO, 2010, p. 270).

É equivocado pensar, por outro lado, que esse conjunto de redes sociais estaria isento de regulação (Pereira, 2004). Possuem obrigações previstas em ordenamentos jurídicos e nem mesmo a “disposição de ajudar” está livre das expectativas de reciprocidade. Nessa direção, Pereira afirma que “as relações recíprocas, ditas informais têm conexão com fatores estruturais e com a esfera pública” (2004, p.38).

Em seus estudos sobre as formas de proteção social, historicamente constituídas, Costa (2002) destaca que os trabalhos fundamentados na teoria das esferas separadas não articulam o conjunto de experiências levadas a cabo pelas famílias na realização da reprodução social de seus membros. Nesse aspecto, evidencia através das teorias feministas de que modo estratégias utilizadas pelas mulheres no âmbito doméstico se imbricavam com os sistemas de proteção social que foram edificados no Brasil. Esta observação perspicaz levou a autora a articular o conceito de *maternidade transferida*,

forma de as mulheres atribuírem-se mútuas responsabilidades, legitimada nas lutas feministas” [...] “um recurso para lidar com o abismo entre público e privado construído sob a égide das desigualdades em geral e de gênero especialmente. Através dos tempos, a maternidade transferida cobre a deficiência dessas estruturas. A delegação de cuidados da casa – expressão polissêmica, referida a cuidados de coisas e de pessoas em circunstâncias diversas – se dá porque não há alternativa. Essas práticas protecionistas, com pouco apoio do setor público, consolidaram extensas redes de proteção e dependências armadas na intimidade das casas (2002, p. 303-306).

A compreensão de que redes sociais se articulam a estratégias mais gerais de oferta de cuidados, com nítida repercussão sobre a família, permite reconhecer por outro lado que a família se mantém como instância legítima de proteção social. Sendo assim, ao

passo que é necessário considerar a funcionalidade de tais estratégias no modelo que ausenta o Estado das experiências de proteção social, a existência dessas redes não pode ser pensada exclusivamente como experiência que nasce da ausência do Estado de Bem-Estar. Pesquisas tem apontado a importância simbólica das redes sociais que talvez esteja para além da necessária oferta de proteção social do Estado.

Partindo dessas considerações este estudo buscou identificar estratégias organizadas pelas famílias na oferta de cuidados de crianças, focalizando o papel dos avós com a finalidade de perceber as relações intergeracionais e como têm sido desenvolvidas relações de afeto e trocas sociais entre estes atores, no palco dos arranjos familiares em nossa sociedade. Como metodologia, a pesquisa contou com o levantamento e análise de filmes sobre Família e Infância, catalogados pelo projeto “Família e Infância: no ‘contratempo’ do cuidado de crianças”<sup>2</sup>, que levantou 234 filmes, entre os anos de 1920 a 2010. Além disso, foi realizada uma entrevista piloto junto a avó de gêmeos que frequentam uma escola de educação infantil na zona norte do Rio de Janeiro, como parte de um projeto de estudos junto aos pais da referida escola.

## **RESULTADOS/DISCUSSÃO**

### **1. Família e Relações Intergeracionais**

Ao longo do tempo passamos por vários regimes de historicidade no que tange à configuração da família, o que envolveu padrões diferenciados de relacionamentos entre seus entes, como também distintas funcionalidades para os modelos de sociedade então vigentes.

A respeito da família colonial, estudos de Costa (1989) nos falam que o afastamento era a relação de contato do patriarca com a sua família, pois a distância emocional e afetiva era a única forma de se obter a autoridade total no meio familiar e no meio social. Assim, mulheres, filhos e escravos estavam subordinados à obediência ao patriarca da casa, de modo que as relações eram “indispensáveis” e formavam uma “rede de solidariedade familiar”. Ou seja, não se podia construir uma relação de respeito da individualidade; através de amizade e afetividade no meio familiar, pois a indiferença e

---

<sup>2</sup> Projeto que contou com financiamento da FAPERJ, e foi desenvolvido pela seguinte equipe: Carla Almeida (coord.), Carla Valesini, Flávia Simplício André, Maria Alice Cavalcante e Jaqueline de Souza Andrade.

o autoritarismo mantinham a casa colonial estruturada hierarquicamente naquele momento da sociedade.

No contexto atual a família vive outra realidade, já que, segundo Freitas (2002) é impossível pensar na família brasileira sem atentar para a importância do parentesco e da vizinhança na vida das pessoas, experiência que articula trocas sociais, como também afetividade. A partir de um processo histórico de transformações da família, que envolveu dinâmicas macroestruturais relativas ao estágio de desenvolvimento social e econômico, bem como novos padrões de reprodução e sexualidade com claras repercussões nos papéis das mulheres, homens, crianças e idosos, definimos a família contemporânea como plural.

No que tange às relações entre idosos, filhos e netos observam-se novas dinâmicas envolvendo diversas estratégias de oferta de proteção no âmbito da família. De um lado, conforme apontam estudos de Teixeira e Rodrigues (2001), nos países em desenvolvimento, como o Brasil, a família é a principal fonte de proteção para a população idosa. Por outro lado, as gerações mais jovens que se encontram desempregadas ou inseridas em ocupações precárias, acabam usufruindo da renda dos idosos, e estes do cuidado e proteção do ambiente familiar. É preciso ainda enfatizar que entre os pobres a família constitui uma experiência marcada pela convivência de várias gerações, para concessão de apoio e ajuda mútua (Sarti, 1996).

Contudo, Alencar (2004) afirma que houve uma mudança nas formas tradicionais de solidariedade familiar, dificultando que a família ofereça suporte num quadro crescente de desemprego, deterioração salarial e perda de direitos sociais.

Desse modo, pode-se inferir que as convivências intergeracionais afirmam respostas a esse quadro marcado por tantas fragilizações, o que se pode observar, sobretudo, no que tange aos cuidados de crianças, foco desse estudo.

Estudos de Moragas (2003) nos falam que a palavra geração tem diversos significados, o principal refere-se ao tempo histórico que agrupa pessoas em função de sua idade. A respeito disso, este autor nos afirma que:

As gerações identificam-se com outras variáveis sociais que facilitam a análise dos grupos, que podem ou não coincidir com idades próximas. A experiência compartilhada na escola, em organizações econômicas ou ideológicas, a profissão, o lazer, a história, as guerras, as revoluções, o estilo de vida, a moda, a música e qualquer denominador da conduta de grupos identificam-se também como geração, sem referência à idade (MORAGAS, 2003, p.1).

Cabe mencionar que em nosso estudo focalizamos relações intergeracionais no contexto da parentalidade (avós-netos), entretanto elas não se restringem a este cenário. Em nosso catálogo de filmes (longas, curtas e animações) sobre Família e Infância, encontramos 25 filmes que retratam relações intergeracionais entre idosos e crianças, independente do vínculo familiar, considerando-se um universo de 234 títulos levantados.

Alguns filmes trazem a relação entre diferentes gerações como foco central da história enquanto em outros são enredos paralelos à trama principal. É interessante destacar que em todas as décadas (dos anos 20 até a atualidade) há filmes que retratam a questão da relação entre pessoas mais velhas e crianças e nem sempre se tratam de papéis entre avós e netos, algumas vezes são pessoas desconhecidas, como nos filmes: “*O ano em que meus pais saíram de férias*”; “*O menino dos cabelos verdes*”, “*UP – Altas Aventuras*”, entre outros. Neles, os velhos acabam se envolvendo com a criança numa relação de cuidado, como no caso da bela amizade que nasce entre o menino e o projetor de filmes de “*Cinema Paradiso*”, onde está envolvida uma relação intergeracional em que acontece um tipo de cuidado. Também não é incomum verificar a ausência dos pais justificando a condução do cuidado por parte dos avós ou daquele que se dispõe a ser o cuidador principal da criança.

A respeito disso, estudos de Bosi (1994) nos afirmam que a função social do velho é lembrar e aconselhar – *memini, moneo* – ou seja, unir o começo e o fim, ligando o que foi e o porvir. Mas, para esta autora a sociedade capitalista:

Impede a lembrança, usa o braço servil do velho e recusa seus conselhos. [...] a sociedade capitalista desarma o velho mobilizando mecanismos pelos quais oprime a velhice, destrói os apoios da memória e substitui a lembrança pela história oficial celebrativa (BOSI, 1994, p. 18).

Por isso, Bosi (1994) nos fala que devemos lutar pelos velhos, porque, precisamos valorizar o conhecimento do Idoso, pois é preciso entender o passado para se viver o presente e saber projetar o futuro.

No filme “*Cinema Paradiso*” observamos que o menino cresceu e já adolescente se apaixonou por uma moça. Mas este amor foi marcado por uma separação brutal, na qual ele foi obrigado a servir o exército e ela, a ir para fora da cidade estudar. Então, o

cenário de desencontro e desilusão em que mergulhou, encontrou o velho amigo Alfredo que o estimulou a seguir novos projetos de vida. Totó se tornou um cineasta.

Nesse ponto é sugestiva a análise de Barros (2006) quando fala sobre a necessidade das trocas intergeracionais entre os jovens e os mais velhos, capacitando o desenvolvimento da solidariedade entre as gerações e propiciando o resgate da memória, a qual não se encontra pronta em nossa mente; ao contrário, as lembranças são desencadeadas pelas interações sociais do presente (BARROS, 2006, p 30).

Portanto, pode ser observado neste filme o início da construção de uma amizade entre Alfredo e Totó, marcada por cuidado e “laços de ajuda” mútua entre ambos.

A família, por sua vez, tem sido o principal contexto onde se expressam tais relações, por isso relações entre avós, filhos e netos são interessantes para se pensar a situação de interações em nossa sociedade, assim como o significado das redes sociais no cenário de restrições nas estratégias de proteção social e de cuidado.

## **2. As “novas avós” na sociedade contemporânea**

Barros (2003) afirma que na contemporaneidade a visão de mundo dos avós é própria de sua geração, mas ela não é imutável, pois:

Os avós passaram por mudanças significativas ao longo da vida, não só porque ocuparam lugares diferentes na família, mas também porque modificaram suas formas de pensar e agir na medida em que acompanharam as transformações sociais mais amplas da sociedade e realizaram modificações profundas nas maneiras de compreender e vivenciar as próprias relações familiares (BARROS, 2003, p. 4).

Nesse sentido, tais mudanças operam em ambos os lados alterando concepções, valores e práticas sociais. Segundo a autora, na transmissão das normas e dos valores de uma geração para outra há trocas com direções contrárias, que também expressam conflitos, sendo elementos centrais o afeto e a autoridade (BARROS, 2003).

Realizamos uma entrevista com avó de gêmeos que frequentavam uma creche na zona norte da cidade. A família, de classe média, era constituída pelos pais, as crianças com menos de 2 anos de idade e uma rede mais ampla de tias e avó que se conjugavam na atenção às necessidades das crianças. A família optou pela creche, por considerar este espaço mais seguro e capaz de promover o desenvolvimento e a socialização dos bebês

com outros da mesma idade. Mas, enfatiza que as crianças não ficam em tempo integral na creche, de modo que esta tarefa é dividida entre a família. A adoção dessa medida foi motivada pela entrada da mãe no mercado de trabalho.

...a filha não estava trabalhando, ela é fisioterapeuta, ela atendia em consultório também, mas ela começou a trabalhar em horário integral, aí foi a necessidade da gente vir para creche, não tinha como administrar o dia todo com eles, então a gente decidiu assim.

Observamos que a gerência dos cuidados é totalmente assumida na esfera privada, conjugando-se a contratação de um serviço privado e o emprego do tempo e dedicação de membros da família, especialmente das mulheres. Entretanto, se a decisão e práticas são feitas em rede, a narrativa da avó expressa um contexto em que a avó não substitui as relações parentais, ainda que estabeleça com a criança um tipo de cuidado cotidiano, como conduzir os netos à escola.

Por isso, indagamos à entrevistada se há conflitos com os pais na forma dela educar e cuidar dos netos.

Não. Não tem conflito assim não. Eu deixo ela fazer da forma dela. Eu até dou um toque... Olha, será que não era melhor fazer de tal forma... Mas aí, ela fala: não, mamãe, eu acho que é melhor fazer assim. Então, tudo bem, de forma nenhuma eu interiro nisso, porque eu não gostava que interferissem na minha vida, não sou eu que vou interferir na dela... Ela que estabelece a rotina... eu não me imponho em nada, os filhos são dela...

Esse trecho expõe um campo delicado de intersecções em que a oferta de cuidados pelos membros da rede social, e particularmente avós e mães, não está livre de contradições como sinalizado por Barros (2003) em torno do *afeto* e *autoridade*. Assim, a rede social não é marcada somente por atenção aos interesses dos sujeitos, muitas vezes expõe conflitos que terão de ser administrados. No caso narrado, as hierarquias geracionais no que tange à responsabilidade pelos cuidados das crianças, identificada como algo inerente aos pais, coloca os avós numa situação de dependência das decisões destes.

Além disso, identificamos que o cuidado implica uma produção de subjetividade: ser avó, que não raro aparece no discurso como experiência diferenciada dos pais, carregada de afetividade e ludicidade.

é fantástico ser avó, é excelente, porque a gente curte mais a gente está mais no afeto, porque quando é filho a gente fica mais naquela ansiedade será que

eu vou dar conta, né? Você é jovem, tem um monte de ideia na cabeça, será que vai dar tudo certo, será que eu vou conseguir educar meu filho, será que eu vou dar conta disso, né? Então tem o prazer da maternidade, mas tem, junto, aquela responsabilidade, aquela preocupação...

É interessante observar na fala da avó que esse papel está diretamente vinculado à idade e experiência geracional, imaginando-se que ser avó ocorreu numa dada etapa do curso de sua vida. Considerando a experiência social em geral, observamos que nem sempre ser avó implica o envelhecimento, tampouco as avós estão livres das demandas que emergem do fato de que uma criança necessita ser educada. Muitas vezes são elas as principais responsáveis por essa situação, mesmo quando os pais estão presentes. Ser avó nesse sentido, não é um processo imediato e natural, pois não desloca necessariamente as demandas do cuidar e do educar, por isso é tão importante e sensível demarcar o papel de cada um – mãe e avó.

Dos trechos que destacamos acima também se destaca a questão geracional. Expressões como “fui mãe”, “mães de hoje” são carregadas de supostos relativos a diferenciações que o tempo se encarregaria de modelar. Curioso observar a avó de nossa entrevista.

É uma correria...né... é porque eu trabalho, apesar de estar aposentada pelo INSS, mas eu continuo trabalhando, sou psicóloga clínica, tenho meu consultório, então eu tento administrar esta situação, então assim eu tenho horários que eu me disponibilizo pra eles e tenho horários para trabalho...

De que gerações nós estamos falando? No que elas convergem e divergem? Nossa entrevistada viveu um tempo em que as jovens mulheres buscaram profissionalização e trabalho. Poderia ser considerada uma “nova avó” distanciando-se da figura de uma avó distante, velhinha, à espera de cumprir o pouco tempo de vida que lhe resta. No nosso caso, a avó participa ativamente com a filha das contradições protagonizadas pelas mulheres na gestão da proteção de seus filhos, o que nos leva a indagar sobre a ideia de que as diferenças marcariam sempre a ideia de geração. Do ponto de vista da relação com os netos a intensificação dessa convivência também possui efeitos.

... antigamente a avó era muito distante, não era essa avó que a gente hoje, de tá ali junto com a filha, com o filho tentando ajudar efetivamente... eu via as avós um pouco mais distantes não participativas, como eu vejo hoje as avós participando muito mais, você vê hoje a maioria tá sempre junto, levando os

netos para os lugares, fazendo uma natação, levando pra escola, você vê a avó tá mais inserida no contexto hoje do que antigamente. Que quando precisava deixava com a mãe, pra fazer uma coisa assim muito especial, mas era uma coisa muito distante, eu acho que era, pelo menos o que via em meu entorno... a minha vó, o que pude ter dela, foi muito pouquinho.

### 3. “Meninas que assoviam e galinhas que cantam nunca têm bom fim”

Barros (2003) explica que as relações entre avós, filhos e netos são importantes para se pensar a conjuntura social de interações. E ao analisar a pesquisa que fez em meados dos anos 80 no Rio de Janeiro, a respeito das relações familiares, percebeu que as relações intergeracionais já sinalizavam tendências de mudanças e de permanências nos padrões de comportamento de valores que presenciamos nas falas da entrevistada.

O texto “Bisa Bia, Bisa Bel”, de Ana Maria Machado traça um diálogo imaginário entre uma menina e sua bisavó e, posteriormente, ela e sua bisneta. Nas falas das personagens podemos apreender a coexistência de valores tradicionais e modernos, que perpassam as inter-relações cotidianas entre mulheres de gerações diferentes, avós, filhas e netas, mas também a própria concepção de mundo das avós (BARROS, 2003, p. 5). Observemos o diálogo a seguir:

Aí, bem, foi outro deus – nos - acuda! Sabe o que foi que Bisa Bia disse?

Foi isto:

-- Meninas que assoviam e galinhas que cantam nunca têm bom fim...

-- Pois fique sabendo, Bisa Bia, que toda galinha que já vi é galinha que canta.

-- Pois fique sabendo, Isabel que todas elas acabaram na panela. É ou não é?

Provavelmente, é tive que concordar. Mas acho que, mesmo que não cantassem, iam acabar na panela (MACHADO, 2007, p. 38).

Já no segundo momento da história, Bel constrói no seu imaginário a relação com a sua futura neta, transmitindo conselhos e afeto para ela. Podemos visualizar a conversa entre as três gerações sinalizadas no imaginário de Bel, para compreendermos as convergências e divergências. Neste diálogo Bisa Bia inicia falando para Bel que se encontrava chateada devido às divergências desta relação:

- Isso, sim, é comportamento de mocinha bonita! Estou gostando de ver esta senhora minha bisneta, tão jeitosa...Meu benzinho, não fique aborrecida com sua bisavó porque eu deixei cair seus lenços na escola... Eu só queria que o Sergio apanhasse o lenço do cão e viesse lhe entregar, começasse a conversar com você, que você sorrisse para ele, tudo isso... (MACHADO, 2007, p. 59).

Neste momento Bel ouve no seu imaginário a fala da bisneta Beta, que representa a voz da geração do futuro; logo se inicia o estranhamento entre as gerações, observemos a resposta da bisneta:

- Bisa Bia, a senhora me desculpe, mas não é nada disso. Bel não precisa fingir para ele. Aliás, ninguém tem nada que fingir pra ninguém. Se ela estiver com vontade de falar com alguém, vai lá, ou telefona, e fala. Pronto. É tudo tão simples, para que complicar? ...E você aí, deixe de ser boba, perdendo seu tempo, espetando agulha num pano só para agradar um bobalhão que ri de você, só para bancar a menininha fina (MACHADO, 2007, p. 59).

Bel chateada, responde à neta:

- Não se meta onde não é chamada... Pois fique sabendo que não estou perdendo tempo nenhum, estou descobrindo que gosto muito de bordar, como gosto de patinar, de ler, de dançar, de ver televisão, de ir à praia, de brincar na calçada de fazer um monte de coisas... E não estou fazendo isso para agradar a ninguém. Só a mim mesma (MACHADO, 2007, p. 60).

Analisando os diálogos da ficção construída por Ana Maria Machado podemos perceber a relação social construída no imaginário de Bel, entre as gerações, marcada por estranhamento, incompreensões, convergências, descobertas e aprendizados. Isso porque as relações entre bisavó, neta e bisneta, tendem a ser vistas como um hiato, uma distância de processos e valores, porém atravessada por algo em comum uma intensa disputa pela produção da subjetividade feminina.

Barros (2006) explica que as transformações no contexto social e cultural colocaram para as gerações mais jovens a decisão de escolher permanecer ou não com o que é considerado importante para os grupos familiares.

A história de “Bisa Bia, Bisa Bel”, nos remeteu à ideia de Castilho (2003) segundo a qual a transmissão de valores entre as famílias evidencia momentos de crise, por isso, os conflitos aparecem de forma que intensificam as trocas intergeracionais, cenário, contudo, que além de conflitos e tensões proporciona também atenção e cuidado.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As gerações não apenas podem ser lidas como grupos separados por concepções e práticas distintas, mas se articulam através de tensões e estranhamentos como também de convergências e similaridades. O estudo dessas interações evidencia intensa produção

de subjetividades femininas atravessadas por funções de cuidado, dentre as quais focalizamos neste trabalho as de mães e avós.

É esse cenário que constitui as formas de cuidado gerenciadas pelas famílias contemporâneas, que ainda tendem a ser pensadas como estratégias de responsabilidade individual das mulheres. A desarticulação dessas experiências da oferta de proteção social do Estado torna invisível a constituição do cuidado como um direito social.

O estudo revela a importância de analisar ambas as dimensões nas experiências em curso - a dimensão das inter-relações produzidas quando a rede social e familiar é acionada na oferta de cuidado, delineando seus tensionamentos e potencialidades; e a dimensão que busca dar visibilidade à importância da constituição do cuidado como um campo do direito social. Desse modo, indica o equívoco em tratar a esfera pública e privada como instâncias separadas, destacando o quanto esse procedimento recai sobre as mulheres.

#### **BIBLIOGRAFIA:**

ALENCAR, Mônica M. T. de. Transformações Econômicas e Sociais no Brasil dos anos 1990 e seu impacto no âmbito da família. In: Sales, M. A. et al. (orgs.). **Política Social, Família e Juventude**: uma questão de direitos. São Paulo: Cortez, 2004. P.61-80.

BARROS, Myriam L. de. Reciprocidade e fluxos culturais entre gerações. In: CONGRESSO INTERNACIONAL CO-EDUCAÇÃO DE GERAÇÕES. SESC - São Paulo, out. 2003.

\_\_\_\_\_. Gênero, cidade: perspectivas femininas. In: Barros, M. L. de. (org). **Família e Gerações**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: lembrança de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CARVALHO, Maria do Carmo B. de. Famílias e Políticas Públicas. In: ACOSTA, A.R.; VITALE, M. A. F. (orgs.). **Família, redes, laços e políticas públicas**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

COSTA, Suely Gomes. Proteção Social, Maternidade Transferida e Lutas pela Saúde Reprodutiva. **Revista Estudos Feministas**, ano 10, 2º sem. 2002.

COSTA, Jurandir Freire. **Ordem médica e norma familiar**. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

FREITAS, R. **Famílias em transformação**: uma realidade atual. Rio de Janeiro: 2002. (Texto didático). mimeo.

MACHADO, A. M. **Bisa Bia, Bisa Bel**. Ilustrações de Newlands, M. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2007.

MORAGAS, R. M. Relações Intergeracionais nas sociedades contemporâneas. In: CONGRESSO INTERNACIONAL CO-EDUCAÇÃO DE GERAÇÕES. SESC - São Paulo, out. 2003.

PEREIRA, Potyara P. Mudanças estruturais, política social e papel da família: crítica ao pluralismo de bem-estar. In: Sales, M. A. et al. (orgs.). **Política Social, família e juventude**: uma questão de direitos. São Paulo: Cortez, 2004.

SARTI, Cynthia. **A família como espelho**: um estudo sobre a moral dos pobres. Campinas: Autores Associados, 1996.

TEIXEIRA. M. S. e RODRIGUES. da V. Modelos de Família entre idosos: famílias restritas ou extensas? **Textos sobre Envelhecimento**, Rio de Janeiro, UnATI/UERJ, ano 3, n. 5, p. 41-66, 1º semestre, 2001.

#### **FILMOGRAFIA**

“O ano em que meus pais saíram de férias”. [Cao Hamburger, Brasil, 2006].

“O menino dos cabelos verdes”. [Joseph Losey, EUA, 1948].

“UP – Altas Aventuras”. [Pete Docter, EUA, 2009].

“Cinema Paradiso”. [Giuseppe Tornatore, Itália, 1988].